



v13n26
Julho-Dezembro de 2016
ISSN: 1984-9206

O AMOR E A VERDADE: INVESTIGAÇÕES EM SANTO AGOSTINHO E KIERKEGAARD [LOVE AND TRUTH: INVESTIGATIONS IN ST. AUGUSTI- NE AND KIERKEGAARD]

Gabriel Kafure da Rocha

*Professor de Filosofia do Instituto Federal
do Sertão Pernambucano, Brasil. Doutorando
em Filosofia pela UFRN, Brasil.
E-mail: gkafure@gmail.com*

Arciane da Silva Carvalho

Graduada em Filosofia pela UFPI, Brasil.

RESUMO

São notórios os diversos pensamentos sobre o amor e sua inquietude pela verdade, sentimentos estes que são expostos pelos seres humanos como requisitos para encontrar a própria felicidade. Com isso, exploramos as visões de S. Agostinho e Kierkegaard que estabelecem para o real encontro do pleno amor estabelecido nos homens, porém confundidos por seus princípios ilusórios que acabaram se distanciando do verdadeiro sentido da verdade.

ABSTRACT

Are notorious various thoughts about love and concern for truth, these feelings that are exposed by humans as requirements to find their own happiness. Thus, we explore the sights of St. Augustine and Kierkegaard that set for the actual meeting of the full love established in men, but confused by his illusive principles ended up distancing the true meaning of truth.

PALAVRAS-CHAVE

Amor; Liberdade; Verdade; Agostinho;
Kierkegaard

KEYWORDS

Love; Freedom; Truth; Augustine;
Kierkegaard

1 Considerações Iniciais

A perspectiva do amor ilustra a trajetória da vida de qualquer pessoa. O amor é como um anseio de pureza de um sentimento mútuo que esteja interligado por uma eternidade. O amor é motivação a qualquer indispensabilidade de cuidados que envolvem diferentes formas, como, amor materno ou paterno, amor fraterno, amor físico, amor platônico, amor à vida, amor pela natureza, amor pelos animais, amor altruísta, amor próprio, e etc. Enfim, falar de amor envolve várias questões, tais, incorporam etapas para chegar a um resultado positivo de total felicidade.

Santo Agostinho procura mais uma vez esclarecer questões que circulam no ciclo de vida humana, como o amor. Esse amor não carnalmente, mas espiritual que direciona o ser humano a adquirir maturidade para se relacionar com o meio, as pessoas e o Criador. Ele procura compreender sobre a melhor forma de conduzir o homem ao caminho que deve seguir, proporcionando uma ética que seja harmonizadora com os preceitos morais cristãos.

Na obra, *O conceito de amor em Santo Agostinho* (tese defendida em 1929), escrita por Hannah Arendt, o filósofo é ressaltado na maneira que amar não é outra coisa se não anelar¹ algo por si mesmo, ou seja, o anelo é ligado como objeto determinado. Logo, algo que se busca por coisas que conhecemos e assim estabelece na alma o sentimento de segurança. Assim, podemos estabelecer que o amor seja um anelo que determina e liberta o homem do temor, pois a insegurança que é ressaltada nos corações humanos concede o sentimento de fracasso, angústia, logo desistência de alcançar os seus ideais. Mas com o sentimento trazido pelo amor, exclui-se toda possibilidade de medo e encaixa-se o homem a um nível de maturidade, em que ele é capaz de distinguir o verdadeiro amor que é vindo de Deus e buscar cumprir com todos os requisitos para estar sempre interligado nesse divino amor.

Em outras palavras, podemos dizer que para Santo Agostinho na divindade do amor é onde nós somos exalados desde a criação do mundo, e criamos um relacionamento com Ele e com o nosso semelhante, e logo podemos classificar isso como o cumprimento de uma lei. Mas qual lei? A lei da verdade, ensinada por Deus a respeito do verdadeiro amor: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Marcos 12.31-32).

Nesse sentido, consideramos que Kierkegaard possa enriquecer essa

1 O termo “anelar” significa desejar algo com ansiedade, aspirar. Implica dizer que o homem busca a verdadeira felicidade e esta para Agostinho, tem origem no amor, o homem feliz possui amor em seu coração, estando a sua raiz em Deus, ou seja, o seu anelo se fixa pela ansiedade de Deus que é o ser determinante para a busca continua desse amor.



investigação, no sentido de ter antecipado conceitos presentes na própria tese de Arendt. Após haver investigado a temática do amor, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, Arendt, já ciente também da leitura kierkegaardiana sobre o amor, avalia a bondade e como essa se configura como “contraposta aquilo que a antiguidade clássica compreendia como útil ou excelente”. (PAULA. 2010, p. 85).

Mas o amor cristão, que é o pleno cumprimento da lei, está presente justamente, íntegro e concentrado, em cada urna de suas manifestações: e, contudo ele é puro agir; ele está, portanto, igualmente afastado tanto da inatividade quanto da agitação febril. Jamais ele assume algo antes da hora e faz uma promessa em lugar da ação; jamais se satisfaz consigo mesmo na ilusão de já estar pronto; jamais se demora junto a si mesmo deliciando-se consigo; jamais fica sentado por aí ociosamente espantado de si mesmo. Ele não é aquele sentimento escondido, ocultamente enigmático por trás das grades do inexplicável, que o poeta quer atrair para a janela; não é um estado de ânimo na alma, que mimado desconhece qualquer lei, nem quer conhecer, ou quer ter para si a sua própria lei e só quer escutar canções: ele é puro agir, e cada urna de suas ações é sagrada, pois ele é o pleno cumprimento da lei. (KIERKEGAARD, 2005, p. 122.).

É interessante, esse pensamento do filósofo Kierkegaard, pois assim como Santo Agostinho, ele acreditava que o amor cristão é baseado no relacionamento que o ser humano tem com Deus, que é o puro amor. Isso geraria preceitos que colocariam no indivíduo formas de cumprir para alcançar a divindade desse amor, tão logo o cumprimento de uma lei que, como Kierkegaard mencionou, promova sentimento íntegro, justo e concentrado. Logo, distingue-se todo aquele que possui o amor cristão, Ele ainda diz, em *As obras de Amor* (publicada em 1847),

Cristo era a Plenitude da lei. Dele devemos aprender como esta ideia deve ser compreendida, pois ele era a *explicação*, e só quando a explicação é o que ela explica, quando aquele que explica é o explicado, quando a explicação é a transfiguração, só então a relação é a correta. Ai, dessa maneira não podemos nos explicar; pois se não podemos de outra maneira, nós podemos aprender a humildade na relação com Deus. Nossa vida terrena, que transcorre na fraqueza, tem de distinguir entre o explicar e o ser, e esta nossa fraqueza é uma expressão essencial para o modo como nos relacionamos com Deus. (KIERKEGAARD, 2005, p. 125).

Nisso, percebemos a lei como Deus sendo a plenitude para esse cumprimento. Diante do exposto, o amor pode ser relacionado à Deus em Agostinho como o centro de toda a conclusão da vida humana, Ele é tido como o centro do mundo, do amor e logo da completa felicidade que o ser humano pode possuir. É inevitável ressaltar que a vida do homem o conduz a experiências que proporcionam prazer, ou seja, sentimento de satisfação, no entanto, essas são apenas

ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. O amor e a verdade... p.25-44



alegrias parciais que transitam com a verdadeira felicidade absoluta que é estar na presença de Deus, como disse Agostinho em sua obra as *Confissões*.

É necessário termos o conhecimento de que todas as experiências vividas pelo homem tem que o dirigir a um espírito verdadeiro, logo, a um bem, pois é através de tais experiências que nos conscientizamos que 'o que não preenche não nos faz bem'.² Para Santo Agostinho, o amor é a essência da substância divina. (Cf. AGOSTINHO, 1995b. p. 33), ou seja, está presente em todos os homens através da entrega as coisas celestiais. Com isso, percebemos que é por meio desse direcionamento que o homem pode atingir a felicidade e repousar em Deus.

A partir do momento que o homem passa a amar verdadeiramente a Deus e como Ele ama, com gratuidade e fazendo o bem aos outros, sua vida será guiada corretamente aos verdadeiros caminhos, por isso, o ser e agir iluminado pela vontade do amor divino garante que a liberdade de ação seja justa, logo, ética. É o amor que conduz o homem a agir de forma coerente segundo a vontade de Deus e o desvia de agir somente por prazeres inconstantes. Conforme Agostinho ensina aos indivíduos, só vem existir realmente um coração livre quando o ser humano passa a viver na graça de Deus.

2 Amor ao próximo

'Amai uns aos outros, assim como Eu vós amo', João 13-34. O Criador do universo que é o puro amor, nos deixa a seguinte lição: que amemos aos nossos semelhantes e aos nossos inimigos. Mas se é difícil amar ao próximo, como vamos amar o nosso inimigo? Diante desta questão, vamos esclarecer a relação desse amor na visão de Kierkegaard e Santo Agostinho.

O nascimento de Jesus prosseguiu em uma trajetória de ensinamentos, e Ele com toda Sua soberania e humildade nos deixou por escrito os mandamentos e lições a seguir. É interessante observarmos a concepção desse mandamento: 'Amar ao próximo como a si mesmo', encontrada no livro de Marcos 12-31, a intensidade dele muda a trajetória de toda humanidade, pois este está na mesma linha que 'amarás o teu Deus acima de tudo'.

Santo Agostinho defendia a relação do amor ao próximo, além de achar que o amor de Deus seria a preferência em mandamento, mas, o certo também é a prática de amar seu semelhante, pois na prática, ele vem antes. Na obra, O

conceito de amor, escrita por Hannah Arendt, Agostinho diz que a essência da

² Pois o vazio é ausência de bem. Nossa alma necessita de conteúdos para nosso crescimento, quando este determinado assunto não proporciona nenhum aprendizado, necessariamente, excluimos, pois não acrescenta nada de bom, ou seja, o que era vazio continua vazio.

lei nos manda amar os outros e isso determina a conduta do homem no mundo à medida que ele vai se constituindo, percebemos que Agostinho remete que para amar ao próximo devemos começar amando a Deus.

O amor cristão não procede do ser humano, mas requer que ele cumpra o mandamento do amor. Porém, é lícito que diante de um mandamento haja a liberdade no indivíduo de cumpri-la ou rejeitá-la, mas temos a noção que o amor é imperativo, é simultaneamente feito na forma de um chamado por um Deus que disponibiliza ao homem a possibilidade de escolher. O pensamento agostiniano enraíza no amor um princípio de socialização do indivíduo com a sociedade, ou seja, é uma inatividade que estabelece a libertação da espiritualidade, no qual a miséria, e todos os sinônimos de pobreza são excluídos, e onde só habita o mesmo conceito de igualdade.

O amor ao próximo é a chave principal que liga o homem a Deus, pois a esse amor requer renúncia, desapego, ao qual fazendo isso, o homem passa a refazer sua ligação com a vontade do Criador, amando aos seus semelhantes sem distinção. Essa renúncia se torna parceira em abandonar a prática do mal e assim, permitiria a ação do amor, em que não seria apenas amar as nossas vontades, mas sim, o próximo.

Esta renúncia a si exprime-se no comportamento face ao mundo. O mundo é amado enquanto criado; amando no mundo, a criatura ama o mundo como Deus. Está aí a realização da renúncia a si que volta a dar a cada um no mundo, e também a si próprio, o seu sentido verdadeiro proveniente de Deus. Esta realização é o amor ao próximo. (ARENDR, 1997, p. 112).

Portanto, percebemos que para Santo Agostinho, o amor ao próximo consiste não no fato de todos estarem no mundo, mas sim, por ter sido criado pelo mesmo Deus. E logo, constatamos se todos foram criados por Deus o amor deve ser exalado a todas as pessoas sem distinção, pois como o nosso amigo-filósofo Kierkegaard diz: 'Pois quanto mais decidida e exclusivamente a predileção se liga a uma pessoa única, tanto mais longe está de amar ao próximo'. (KIERKEGAARD, 2005, p. 83).

Diante de pessoas tão diferentes, cheias de defeitos, pensamentos e maneiras, se torna difícil amar ao próximo, imagine amar aos nossos inimigos. Qual a resposta para isso? Com isso, entramos de uma forma mais detalhada na visão defendida pelo filósofo Kierkegaard a respeito do amor ao próximo.

Kierkegaard vê no amor o único sentimento do qual não se deve abandonar, percebemos isso diante seu livro, *As obras de Amor*, em que discorre sobre a importância do assunto, sua perspectiva de amor também é baseada



em 'pinceladas' de livros da bíblia, pois o mesmo era também teólogo. Para o nosso filósofo, o amor ao próximo é distribuído a todo semelhante sem qualquer distinção, ou seja, devemos amar a todos e não só uma pessoa exclusivamente como foi citado mais acima.

Já ouvimos muito falar em ditados populares, como: 'Onde há ódio há amor', efetivamente essa lógica é contraditória, pois o ódio e o amor são coisas completamente diferentes. A questão de amar ao próximo, não visa para a condição financeira, raça, classe social, pensamentos diferentes, condutas desiguais ou desentendimentos, amar significa fazer o bem, exalar o sentimento mais puro que Deus plantou em nossos corações, já o ódio é um sentimento amargo, que destrói não só a pessoa odiada, mas a si mesmo. Afinal quem é o próximo?

Aquele que verdadeiramente ama o próximo, ama, portanto também, o seu inimigo [...] o próximo é a distinção completamente irreconhecível entre um homem e outro, ou é a eterna igualdade diante de Deus. (KIERKEGAARD, 2005, p. 89.).

Não adianta amar uma pessoa exclusivamente e achar que está seguindo o mandamento de Deus, no dicionário a palavra *próximo*, significa: Qualquer indivíduo que pode ser considerado como semelhante, assim, qualquer pessoa, seja da mais conhecida a aquela (o) que nunca vimos ou tivemos contato, serão todas as pessoas a quem devemos amar verdadeiramente.

Esse amor ensinado por Deus, não significa aquele amor possuidor, de propriedade ou individual, como por exemplo, o casamento, o namoro. São status que requerem um amor exclusivamente às suas pessoas que o formam, mas sim, fala do amor de humildade, respeito, caridade por nossos semelhantes, pois a partir do momento que exalamos com ternura o sentimento sincero dos nossos corações, estamos seguindo o mandamento de Deus e nos aproximando Dele. Sabemos que Deus não aprova a maldade, desprezo, arrogância, enfim, todos os sentimentos que classificam-se como maus, mas espera de nós o amor que nos ensinou desde a criação do mundo, provando seu imenso amor não só naquela época, mas todos os dias.

É interessante também esclarecermos o amor ao próximo ao amor humano e a amizade, pois Kierkegaard esclarece esse ponto em sua obra dizendo: "qualquer que seja a perda, ausência, desconsolo, o máximo ainda está por vir: ama o próximo!" (KIERKEGAARD, 2005. p. 85.). Se observarmos mais adiante ele explica que as perdas que temos, principalmente aquela de perder alguém próximo, como o amigo, é doloroso, mas quando perdemos alguém somente com o título de semelhante, mesmo que esse faça algo contra ti, não se



pode perdê-lo jamais, pois como ele diz:

É bem verdade, tu podes também continuar a amar o amado e o amigo, não importa o que eles façam para ti, mas não podes em verdade continuar a chamá-los de amado e amigo se eles, infelizmente, se tiverem modificado completamente. O próximo, ao contrário, nenhuma mudança pode roubá-lo de ti, pois não é o próximo que te segura, mas sim é o teu amor que segura o próximo; se o teu amor para com o próximo se mantiver inalterado, então o próximo permanecerá inalteradamente presente. (KIERKEGAARD, 2005. p. 86.).

Diante disso, percebemos a importância do amor ao próximo na visão de Kierkegaard, mesmo diante da perda de alguém exclusivamente perto, todo sentimento seria amenizado pelo amor a alguém que estaria próximo, pois continuaríamos a amar o amado, o amigo. Contudo, o amor ao próximo não nos seguraria, ou seja, não nos prenderia a um ciclo, mas nos postaria a um sentimento inalterável, pois como diz o nosso filósofo mais acima é o nosso amor que assegura o próximo.

Não, ama a pessoa amada fielmente e com ternura, mas deixa o amor ao próximo ser aquilo que santifica o pacto com Deus da união de vocês; ama teu amigo sinceramente e com dedicação, mas deixa o amor ao próximo ser aquilo que lhes ensina na amizade de um pelo outro a familiaridade com Deus! Vê que a morte abole todas as diferenças, mas a predileção se refere sempre a diferença: contudo, o caminho para a vida e para o eterno passa pela morte e pela abolição das diferenças: é por isso que só o amor ao próximo leva verdadeiramente a vida. (KIERKEGAARD, 2005, p. 83.).

O amor quando verdadeiro causa a edificação para alma. Mas qual edificação? Kierkegaard compara a edificação com o seguinte exemplo:

Dois homens podem ter uma conduta 'a'. Dois homens podem ter uma conduta diametralmente oposta; mas se cada um faz o contrário, no amor os opostos tornam-se edificantes. Não há na linguagem nenhuma palavra que seja em si e por si edificante, e não há nenhuma palavra na linguagem que não possa ser dita de modo edificante e não se torne edificante quando o amor está presente. (KIERKEGAARD, 2005, p. 244.).

O ser humano é dotado de conhecimentos, ações e espontaneidade, muitas vezes isso distorce o sentido verdadeiro das coisas, pois como preferimos 'o mais raso a o profundo', escolhemos os sentidos amplos e esquecemos que os verdadeiros significados são os mais importantes. Tomamos o exemplo da edificação, em que Kierkegaard esclarece que o edificante, não no sentido amplo, mas no sentido linguístico correto, edifica com ternura, pois o amor está presente. A intensidade das palavras resulta no ser humano, com isso as expressões e ações podem edificar um coração ou não. Se desejamos o mal a alguém,



logo estamos desestimulando essa pessoa, porém, se expressamos palavras sinceras de amor, estimulamos o coração de qualquer indivíduo. Como nosso filósofo diz, “O amor edifica, ao pressupor que o próprio amor esteja presente. Desse modo, um que ama edifica o outro, e aqui é então bem fácil pressupô-lo, onde ele está notoriamente presente” (KIERKEGAARD, 2005, p. 250).

Com isso, notamos que a edificação é um pressuposto do amor, pois só o amor edifica. Essa edificação significa, portanto, erguer algo desde um fundamento, mas como Kierkegaard diz, [...] mas, espiritualmente, o amor é o fundamento de todas as coisas. (KIERKEGAARD, 2005, p. 255). Implantar no coração do outro o fundamento do amor é algo distante da capacidade humana, porém o amar é o fundamento de todas as coisas, este é plantado nos corações humanos desde a criação pelo Criador. Assim, este amor brota diante das ações humanas perante a sua fé em Deus e perante o seu tratamento de amor com o próximo, pois só dessa forma o amor pode edificar a alma do ser humano.

Podemos considerar que tanto para Kierkegaard, como para Agostinho, o amor era algo sublime que só poderia ser explicado se entendêssemos a divindade, pois Deus era o significado de amor. No livro de Coríntios podemos entender a extensão do amor, está escrito:

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos; Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. (1 Coríntios 13:4-10)

Como diz acima, ‘quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado’, ou seja, na linguagem agostiniana e kierkegaardiana, o amor é algo soberano que o indivíduo só poderia sentir verdadeiramente quando o sentimento brotado no seu coração fluísse com a presença do Criador, e essa soberania só alcançaria o grau supremo, quando estivesse em convicta intimidade com Deus. O amor ao próximo, tanto para Santo Agostinho como para Kierkegaard é algo sublime enviado por Deus, implantado nos corações humanos, e que a prática do amor ao próximo é distribuída a qualquer pessoa, excluindo assim a expressão de ódio e gerando no entendimento humano que o mandamento, amar ao próximo como a si mesmo é a garantia de termos uma vida mais feliz e de relação com o Criador que é a fonte de todo o amor.



3 O Problema da Verdade

A inquietude da natureza humana é difundida na questão da verdade, essa ideia possibilitou no indivíduo uma alvorada em estimular o conhecimento, os segredos do universo e assim a procura da verdade. Mas o que é verdade?

No dicionário, a palavra verdade parte de vários significados, estes se baseiam em fatos e na realidade, ou simplesmente conduzem-nos em um padrão ou uma origem, mas ela, estando em conexão ao real do sistema de avaliação dos fatos. Ao observarmos a chuva temos duas constatações: ela, antes de cair é uma possibilidade, ao cair é um fato, mas torna-se verdade depois de uma prova. O ser humano é focado por possibilidades, escolhas, mas opta por aquelas que exibem fontes lúcidas, tornando-se assim, a opção de escolher por aquilo a que acredita, e que tem significado subjetivo de uma verdade.

A existência da verdade está vinculada no interior de cada ser. Por mais que nosso entendimento seja limitado, procuramos coisas que preencham nossa vida para proporcionar felicidade. Nada de fantasias, ilusões, fatos distorcidos ou citações ditas com seriedade, o necessário é coerência, firmeza, certeza de algo ao qual vou escolher e acreditar, pois a nossa escolha resulta na história de uma vida inteira.

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudança, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão. (AGOSTINHO, 1987. p. 72).

Para Santo Agostinho, a busca da verdade consiste em uma finalidade inconstante do ser humano que só é definida com o verbo de Deus, sendo Ele fonte de felicidade, que relata a meta almejada pela perfeição aos homens. Ele acreditava que a verdade é a caminhada para alcançar o conhecimento moral da verdade de Deus, fato que será mais explicado nas páginas seguintes. Com isso, parte a verdade como subjetividade que engloba toda a questão da busca na interioridade do indivíduo no objeto de procura.

Portanto, estaremos seguindo mais uma relação entre Santo Agostinho e Kierkegaard com base nos estudos da verdade como subjetividade e o seu problema. Essa relação usufruirá de uma melhor compreensão dos pensamentos da filosofia a respeito do tema proposto.



3.1 Agostinho e Kierkegaard e a verdade

Nas perspectivas expostas acima, evidenciou-se que Agostinho inaugurou o estudo filosófico da subjetividade com o seu *fallor, ergo sum*, Kierkegaard pode aprofundar a noção subjetiva da verdade. Mais uma vez, abrimos ênfase para a relação de assuntos filosóficos em que Agostinho e Kierkegaard estão em uma linha de raciocínio aproximadas. Santo Agostinho é considerado um dos mais importantes filósofos e teólogos, sua filosofia refletiu sua praticidade e sabedoria em determinados assuntos implicados a nossa realidade, como, a liberdade, a felicidade, o amor e agora com um tema muito preciso, a verdade. E nessa mesma linha de raciocínio o nosso amigo-filósofo e teólogo Søren Kierkegaard submeteu-se ao estudo da verdade. Com isso abriremos um pequeno estudo sobre esta relação.

Como já foi explicado mais acima, a verdade é tida como fatos que estão de acordo com a realidade, ou seja, coisas reais. Santo Agostinho foi um filósofo que baseou toda sua filosofia depositada em Deus como fonte principal para todo conhecimento, ou melhor, para todo estágio e etapa relacionado à vida desde a sua conversão. Isso é nítido dentro de seus vários textos expostos em suas obras, como, *De Beata Vita (A vida feliz – diálogos filosóficos)* que remete sobre a conversão de Agostinho e relata que o homem só pode encontrar a verdadeira felicidade quando tomar posse de um relacionamento com Deus (AGOSTINHO, 1998a, p.114).

A verdade, para Santo Agostinho, é relatada em seu livro, *Confissões*, como a autorreflexão feita na interiorização do homem em Deus. Para ele, é necessário conhecermos a Deus para obter a verdade. É diante do conhecimento em Deus que o homem passa a enxergar coisas através da sua essência, pois a sua intimidade com Deus garante um distanciamento de uma vida contínua em uma mesma rotina e passa a viver dias de conhecimento, felicidade, amor, paz e principalmente, momentos verdadeiros. Esse processo de interiorização parte, de acordo com Victorino Capanaga, um processo do indivíduo em que a verdade feita pela iluminação de Deus se dá através da interiorização do homem pela autorreflexão:

Com a pureza vem à iluminação e o progresso no conhecimento das verdades superiores, o sabor das coisas do céu. A luz espiritual embute dois segredos: o de Deus e o da alma, respondendo a grande ânsia agostiniana: conheças a Mim³ conhecerás a ti (CAPANAGA, 1954, p. 96).

³ O aperfeiçoamento do ser humano à verdade se dá quando suceder inicialmente com a iluminação trazida por Deus, esta iluminação só poderá ocorrer quando o homem passar pelo processo de interiorização pela autorreflexão.

Diante dessa mensagem, podemos indagar a seguinte pergunta: O que o homem deverá buscar primeiro: conhecer a si mesmo ou conhecer a Deus? Nesse enlace dos conceitos agostinianos a busca da interioridade da alma e no conhecimento de Deus são questões que levaram o homem à verdade. E o interessante é que Santo Agostinho acreditava que o conhecimento do homem pela sua alma daria a chance do homem conhecer-se interiormente e iniciasse sua autorreflexão, daí partiria sua interiorização com Deus. “Na ordem natural do conhecer humano, a primazia temporal recai no conhecimento do homem, no conhecimento da alma, já que através dela podemos chegar a Deus” (GARCÍA-JUCENDA, 1988, p.124).

Diante disso, essa indagação, *conhecer a si mesmo*, abre justamente a questão tratada por Kierkegaard sobre a verdade. Kierkegaard afirmava que para descobrirmos a verdade é imprescindível *escolher-se a si mesmo*.⁴

É necessário esforçar-se e empenhar-se para superar as etapas da existência. Essas [etapas da existência] “são determinantes existenciais do caráter humano, instâncias que se oferecem ao indivíduo na sua caminhada para encontrar a sua própria verdade” (SECCO. 2004.p.928).

A caminhada para conhecer a verdade necessita de dedicação, perseverança e muita coragem, pois não é algo onde podemos percorrer em um caminho largo sem pedras, mas pode ser caracterizado como um salto onde passamos cada obstáculo. Neste sentido, “o salto é uma característica dita por Kierkegaard como uma atitude de coragem, onde o homem se defronta com os empecilhos que farão mergulhar num estado de tremor e temor” (SECCO, 2004, p.931-932).

A partir da expressão, *escolher-se a si mesmo*, nosso filósofo dinamarquês destaca três estádios onde a consolidação é feita diante do conhecimento interior. Estes são: estádio estético, estádio ético, estádio religioso. Em suma pesquisa, iremos estabelecer o conhecimento desses estádios. Para o estádio estético, Colomer diz:

O estético é, portanto, o homem que vive perto da superfície, o caçador de sentimentos que gira sem limites nas imediações, o instante evasivo e irrepitível que é tão interessante ou agradável, o hedonista que ele está requisitando sua existência ao prazer e diversão em toda a sua quase e infinita gama de possibilidades, desde o gozo da vida ao gozo dele mesmo (COLOMER. 1990. p.61).

Notamos que Søren, explica que nesse estádio o indivíduo vive logicamente com sentimentos egoístas e totalmente sem regras, abrindo assim a

4 Referência tratada por Kierkegaard em proporção do significado de verdade, pois ele via na perspectiva do homem se conhecer a certeza de que ele conheceria o verdadeiro sentido da verdade.

ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. O amor e a verdade... p.25-44



gância por ter apenas como objeto para saciar seu prazer e sua sede por possuir o que deseja. O ser humano vive numa contínua busca de sensações, mesmo elas sempre escapando de suas possibilidades, por este motivo o vazio da alma é constante, isso acontece não apenas por sua insatisfação, mas pela angústia na alma de não possuir atitude de suprir com suas expectativas. É a partir desse sentimento de angústia na alma que o homem desvincula-se de uma mesmice depressiva e desencadeia o processo de descobrir o sentido da existência, ou seja, da sua existência, pois ele chega a um estado de estar no “fundo do poço”, e com isso a sua consciência fala mais alto em agir de outro modo, logo esse agir significa o desfocar-se de um estado crítico que o possibilita a ter anseio por mudança, dando assim o início de uma nova etapa: a Ética.

Partimos agora para o estágio ético, este em que o indivíduo acorda de uma realidade de fantasia e descobre como é viver possuindo suas responsabilidades, deveres e obrigações. Para este estágio temos a seguinte mensagem:

O ético é aquele que reconhece o aspecto transitório e evanescente do real. Como nada sólido pode se erguer sobre ele, refugia-se em sua interioridade, onde reconhece valores morais e eternos sobre os quais é possível construir sua personalidade. Escolhe aceitar esses valores morais, pois compreende que eles representam a expressão dessa liberdade, dessa vontade, que os aceita como tais. [...] O ético é aquele que pode conciliar sua vontade com a vida social sob a forma do dever (LE BLANC. 2003. p. 63).

Kierkegaard via na ética a possibilidade do ser humano acordar para a realidade, ou seja, qual o seu papel, sua função e tarefa na sociedade. Este estágio proporciona ao indivíduo a possibilidade de viver no tempo e ver o tempo como um guia para seu amadurecimento e a construção da sua personalidade e vida. O estágio ético se torna muito importante, pois como foi dito, ele decide a tomada de atitude do ser humano diante a realidade dos fatos, é como a tomada da consciência conhecendo seu erro e pecado e querendo mudar. Assim, entra a questão da subjetividade, mas que será bem discorrido mais abaixo.

O terceiro estágio é o religioso, esse leva o homem a estar próximo da divindade, Deus. A partir disso, o indivíduo está diante da própria verdade. É válido colocarmos essa indagação, pois Santo Agostinho em seu livro, *Sobre a Graça e o Livre-Arbítrio*, ressalta que a graça é o estado que o homem anseia para encontrar a felicidade em Deus. Logo, se observamos bem, podemos dizer que se a graça é um dos primordiais anseios em Deus, se Nele está o amor, a liberdade, constatamos que a verdade também é vinda Dele e é Ele, pois Ele é perfeito.

Podemos observar nesse intervalo, do estágio o salto do ético para o

ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. O amor e a verdade... p.25-44



religioso, das coisas de Deus a dos homens, propriamente dizendo que a passagem deste estágio desconecta o indivíduo das questões morais e o coloca nos domínios de seu relacionamento com Deus, pois a questão da fé é a principal fonte para se conectar a Deus. O autor em *Obras de amor* diz que:

Consequentemente, a verdade é uma aproximação cujo início não pode ser definido em termos absolutos, justo porque não há uma conclusão que tem poder retroativo. Por outro lado, todo começo, quando é estabelecido (a menos que, sendo conhecimento deste, é algo totalmente arbitrário), que não está sob pensamento imanente, mas é criado ao abrigo uma decisão, e, essencialmente, sob a fé. (KIERKEGAARD, 2008. p. 191).

Percebemos que Kierkegaard coloca a fé como a questão fundamental para o encontro de si mesmo com a verdade. A fé é tida interiormente pelos seres humanos para crer nas possibilidades da vida e principalmente em Deus, pois quando o ser humano está ligado com Deus passa a um estado pleno de total positividade.

Tanto para Santo Agostinho como para Søren Kierkegaard a verdade acontece quando o homem passa a conhecer-se. Quando nós, seres humanos, temos conhecimento do nosso interior, passamos a entender quem somos, no que acreditamos, no que queremos e isso nos leva ao nível de maturidade a estar frente à Deus, quando isso acontece, tomamos consciência e desvendamos nossos olhos para a verdade que é.

4 Considerações Finais

Em virtude dos fatos mencionados podemos pontuar a devida investigação adquirida no período de pesquisa. Para tanto, o tema da liberdade abrange argumentos indispensáveis para a sociedade, tais estes, revelam estudos enigmáticos, pois a liberdade é um dos temas mais fluentes na realidade humana e na sua busca ética. Entender a sua concepção baseia-se em estudos, pesquisas e acima de tudo entrega, justamente porque a 'liberdade' é fragmentada da sua verdadeira essência, corrompida pelo entendimento humano. Dessa forma, a perspicácia de entendê-la está direcionada a estudos baseados nas teorias de Santo Agostinho e Kierkegaard, estes que possuíam uma visão forte e precisa para o tema proposto.

Santo Agostinho procurou estabelecer conceitos à liberdade, como algo não direcionado somente a estar totalmente disponível, mas em algo espiritual, ou seja, algo ligado às coisas celestiais. É interessante a concepção feita por Agostinho, pois a sua teoria nos transporta a muitas mudanças, como, em pen-



samentos cotidianos que poderíamos conceituar a liberdade ou em simplesmente estar com autoridade própria por seu destino.

Na visão de Agostinho, a liberdade alcançada seria aquela ao qual o homem direcionasse sua escolha à Deus, desprendendo-se das 'armadilhas' do mundo, estas 'armadilhas' que, para Kierkegaard, eram classificadas como pecado original. A partir desses pecados adquiridos pelas más escolhas, os resultados negativos nos colocariam num mesmo ciclo, em uma mesma ilusão de liberdade, ou seja, arraigados a uma mentira que ilusoriamente parecia com uma verdade, mas que não trazia o resultado exato, não trazia a paz desejada da tão sonhada liberdade. Assim, Agostinho e Kierkegaard concordariam que esta tão sonhada liberdade era adquirida por escolhas e possuídas pelo livre-arbítrio que colocava no coração do homem a decisão de encontrar a graça divina que é Deus, o conhecer do verdadeiro significado do Seu amor.

Assim, entramos em partida com estudos sobre o amor, essa essência tão sentida, mas tão confundida pelos homens. Ao falarmos em amor, temos a noção de Deus, e conseqüentemente de próximo, com esses pensamentos entramos em um esclarecedor resultado, onde o amor é a fonte de conhecer a Deus. Agostinho via em Deus a concepção de puro amor, sem medidas, sem restrições, sem explicações, o amor sincero, de entrega, de carinho, de verdade... Para ele, o nosso relacionamento com Deus nos faria conhecer a essência do verdadeiro amor, assim como para este conhecimento a mesma renúncia era precisa, excluir a visão dos enganos do mundo e escolhesse está em um relacionamento com Deus, um relacionamento de Pai e filho.

Relacionamento esse que, teria total intimidade quando nós, seres humanos, passássemos a entender o que é amar, amar ao Pai (Deus) e amar o nosso semelhante (próximo). Em uma ordem especificamente clara, tanto para Agostinho como para Kierkegaard, os seres humanos passariam a relacionar-se com Deus quando entendessem o que é amar e iniciando amando o próximo, o nosso semelhante. Quando passássemos a compreender que amar o nosso semelhante seria não só cumprir um mandamento estabelecido por Deus, mas fluir de nossos corações o que já foi plantado desde o nascimento, os sentimentos de carinho, consolação, humildade, caridade, sinceridade e verdade. A partir da nossa forma de amar, aquele a quem conhecemos e aquele a quem não conhecemos possuiríamos a chave de conhecer o amor que está em Deus, justamente aquele provado que enviou Seu único filho por amor a humanidade, para salvá-la de um mundo de pecados.

Nossos filósofos esclarecem de forma clara e distinta o que podemos



dizer, a sinceridade que em Deus encontraríamos o verdadeiro sentido de amor, pois Ele é o puro amor. Estarmos cumprindo com um mandamento não seria apenas uma lei para obter o resultado esperado, mas uma forma de nos lapidar para estarmos preparados e provados de nossos sentimentos e de nossas atitudes. O fato é que a perfeição do amor de Deus estabelece no homem a forma de conhecer o seu eu, plantado desde o nascimento, mas que muitas vezes se esconde pelo rompimento do mundo que nos regrida a seguir um padrão ilusório de modos e afetos, e tira a nossa essência que foi plantada pelo Criador em nossos corações. É necessário estabelecer, nos nossos corações o brotar da semente plantada, o entendimento do que somos, e as escolhas que devemos tomar para estarmos diante do desejo de encontrar-se com o amor, Deus.

Percebemos que o “conhecer-se” e o “escolher-se” estabelece um grau de responsabilidade em compreender o amor, este que só acontece através de também estarmos conscientes da verdade. Devido a isso, estabelecemos o estudo do problema da verdade e podemos notar que a esse estudo que Santo Agostinho e Kierkegaard colocaram uma responsabilidade direcionada a nós seres humanos, pois para os dois mestres- filósofos, a verdade também resulta em Deus. É certo compreendermos que há sempre uma busca, e no problema da verdade acontece à incógnita da felicidade, pois buscamos a verdade para sermos felizes, e isto é bem esclarecido na visão de Santo Agostinho, este mestre direciona sua pesquisa baseada no resultado, Deus. Todas as buscas se consistem quando entendermos que para todos os desejos buscados teremos o resultado positivo quando encontrarmos o sentido extado das coisas que nos leva a acreditarmos e confiarmos na existência de Deus.

O problema da verdade é estabelecido para Agostinho como a felicidade almejada que só encontraríamos quando dissipássemos o sentido da verdade que para Ele, estava acolhida nas coisas Celestiais. Pois, a felicidade teria o poder de conduzir-nos a uma vida de plenitude que estaria consolidada na verdade que é Deus. E esta verdade acontecia quando orientássemos o nosso eu, a possuir o entendimento necessário das escolhas precedidas, nessa questão entra Kierkegaard que nos afirma que é necessário ‘conhecer-se’ e ‘escolher-se’, ou seja, examinar o nosso interior diante do que somos o que possuímos e o que queremos.⁵

5 A criação do mundo parte da grandeza do amor de Deus pela raça humana, seu imenso amor produziu tudo o que podemos classificar hoje, como mundo ou universo. A criação do primeiro homem parte da necessidade da criação da primeira mulher, pois a partir daí inicia-se o processo de formação dos seres humanos. Vamos lembrar-nos de Caim e Abel, frutos da junção de Adão e Eva, mas como iríamos prever que Caim mataria seu próprio irmão por inveja? Logicamente, dois irmãos, dois pensamentos e visões diferentes, um escolheu a si mesmo por seus próprios interesses, resultando no mal do seu próprio irmão. É assim que respondemos a seguinte pergunta:



Para ele, quando nos conhecêssemos e compreendêssemos que o nosso 'si mesmo' decide quem somos, o que queremos, o que escolheremos, passaríamos a ter certeza de uma verdade classificada como subjetiva, esta que nos conduziria a verdade na sua essência. Com isso, entende-se que a verdade é precedida do fato de individualização, ou seja, conhecer-se para entender o nosso interior a partir do ato de refletirmos, isso consiste para nossos filósofos como a chave de encontrar a felicidade que procede da verdade que é encontrada na plenitude de Deus.

A presente pesquisa possibilitou a expansão do conhecimento, visto que o assunto projeta perguntas e levantamentos de questões que colocam a mente humana no ato sincero de pensar e existir. A mente humana reflete os pensamentos quando estes são intitulados por fatos que nos levam ao ato de refletirmos, e com isso, as investigações do *Ágape* na visão de Kierkegaard e Agostinho, abrem estudos que podem modificar toda uma sociedade. Sociedade esta que vive lubriada por mesmos conceitos e influências de uma cristandade, e esquecem que o mundo não foi feito por apenas aparência e opinião, mas por um conjunto de culturas, modos, verdades e existências.

Ao finalizarmos a leitura, é notória a mudança no ato de pensar, perceberemos que a liberdade, o amor e a verdade são requisitos principais para nos relacionarmos com Deus. E isso é passado em cada frase, estrofe e parágrafo em íntegra para saber que somente com Deus e por Deus estamos seguros, confortados e completos. É clara a visão dos filósofos expostos a respeito da Divindade, pois todos os resultados levam para o Criador, e como já foi dito mais acima, abrem caminhos para entendermos o verdadeiro sentido das coisas na sua existência.

A conexão estabelecida por Santo Agostinho e Søren Kierkegaard abriu a explanação de conhecer visões diferentes, porém que se conciliam. Agostinho seguia a religião católica, a qual tinha Deus como elo principal e fundamental, porém estabelecia outra comunhão, esta era com os 'santos', além de possuir uma doutrina de mesmas sequências de orações. Já Kierkegaard, seguia a reli-

Se todas as buscas filosóficas que temos tem como resposta final Deus, então porque conhecer a si mesmo e escolher a si mesmo é uma pressuposição primeira para encontrar Deus? Nós seres humanos somos feitos do mesmo pó, mas não somos iguais, nítido isto, na nossa aparência e nas nossas decisões. Se cada um de nós deixássemos apenas conduzir-nos por 'tabus', logicamente teríamos um mesmo resultado, porém as nossas ações partem do nosso caráter, este que é consolidado quando possuímos a certeza de quem somos. Não podemos dizer a qualquer um "escolha Deus" ou "acredite em Deus", mas eu posso dizer "escolha a você mesmo", "acredite em você mesmo", pois quando tomamos a escolha de primeiramente entender quem somos poderemos ter a posição de entender o que queremos, partindo então em uma possibilidade do salto da fé, ou seja, escolher as coisas que são verdadeiras, ao ver individual, seja o mundo ou a Deus, mas tendo a certeza que quando nós, seres humanos, almejamos trazer a nossa vida uma felicidade contínua, temos a certeza que essa só se encontrará no Criador, Deus.

ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. O amor e a verdade... p.25-44



gião protestante, onde Deus era o centro de tudo, e todos os fins se resultavam N'Ele. Apesar de suas religiosidades seguirem uma determinada crença, temos a certeza que entre o catolicismo Agostiniano e o protestantismo Kierkegaardiano existia o mesmo Deus, O qual era traduzido em suas visões de maneira visível, como Ele sendo o significado de amor, liberdade, da verdade, enfim, da verdadeira felicidade. Com isso, temos a certeza que independente da religiosidade dos filósofos, foi percebido a nítida certeza que ambos tinham e possuíam em Deus as respostas das suas inquietações.



Referências

AGOSTINHO. **A verdadeira religião**. Paulinas: São Paulo, 1987.

_____. **A trindade**. São Paulo: Paulus, 1995a.

_____. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995b.

_____. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo. Editora Paulus. 1997. 367p. (Coleção Patrística n.10).

_____. **A vida feliz**: diálogo filosófico. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. Introdução, notas e bibliografia Roque Frangiotti. São Paulo. 2a ed. Editora Paulus. 1998a. 157p. (Coleção Patrística n.11).

_____. **Solilóquios**. Tradução, introdução e notas de Adaury Fiorotti. 2a ed. São Paulo. Editora Paulus. 1998b. 108 p. (Coleção Patrística n.1).

_____. **A graça e a liberdade**. In: _____. **A graça (II)**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999a.

_____. **Verdade e conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

ARENDT, Hannah. **El concepto de amor en san Agustín, Madrid**, Ed. Encuentro, 1997

BEABOUT, Gregory. **Freedom and its Misseus: Kierkegaard on Anxiety and Despair**. Milwaukee, EUA: Marquette UP, 1996.

CAPANAGA, Victorino. **San Agustín: Semblanza biográfica**. Madrid: Ed. Styviym, 1954.

COLOMER, Eusebi. **El pensamiento alemán de Kant a Heidegger**. Barcelona: Herder, 1990. V. III.



COUTO, Vinicius. **Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana**. São Paulo: Reflexão, 2014.

GARCÍA-JUCENDA, J.. **La cultura cristiana y san Agustín**. Madrid: Ed.Cin- cel,1988.

KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

_____. **Diário**. v. XI. Brescia: Morcelliana, 1980.

_____. **Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra Como Escritor.** Trad. João Gama. Ed. 70. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **Diário íntimo.** Trad. María Angélica Bosco. Barcelona: Editorial Planeta, 1993.

_____. **As Obras do Amor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Postscriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas.** Trad. Nassim Bravo Jordán. Mexico: Universidade Iberoamericana, 2008.

_____. **O Conceito de Angústia.** (Trad. Álvaro L. M. Valls). Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universidade São Francisco, 2010.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard.** Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação liberdade, 2003.

PAULA, M. G. Kierkegaard e hannah arendt: entre o amor cristão e a bondade. **Revista Pandora Brasil** – Número 23, Outubro de 2010. p. 78-89.

_____. O silêncio de abraão: os desafios para a ética em temor e tremor de kierkegaard. **INTERAÇÕES** - Cultura e Comunidade / v. 3 n. 4 / p. 55-72 / 2008.

ROCHA, G. K. **A ética da liberdade em Kierkegaard: uma contraposição entre as teses do juiz Wilhelm e Johannes Sedutor.** Porto Alegre: ed. Fi, 2016.

SCIACCA, Michelle. San Agustín. **Pero la filosofía no puede hacer feliz al hombre, porque o puede darle la posesión de Dios'.** Barcelona: Editor Luis Miracle. 1955.

SECCO, Frederico Schwerin. O conhecimento essencial segundo Kierkegaard. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.14, n. 5, p. 925-941, maio 2004.

SILVA, Vicente Ferreira da. **Kierkegaard e o problema da subjetividade.** Revista Brasileira de Filosofia. São Paulo, v. 6, n.1, p. 70-76, jan./mar. 1956.

SPROUL, R. **Sola gratia: a controvérsia sobre o livre-arbítrio.** Trad. Mauro Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

VEGA, Pablo Nunes. **Introducción a la Síntesis de San Agustín.** Quito: Ediciones de la Universidad Católica, 1981.

VIESENTEINER, Jorge L. . Kierkegaard: pensamento e existência como paixão. In: FALABRETTI, E.; SGANZERLA, A.; VALVERDE, A. (Org.). **Natureza humana em movimento.** 1 ed.São Paulo: Paulus, 2012, p. 164-180.

ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. **O amor e a verdade... p.25-44**



* * *



ROCHA, G. K.; CARVALHO, A. da S. O amor e a verdade: Investigações em Santo Agostinho e Kierkegaard. **Kalagatos**, Fortaleza, v.13, n.26, 2016, p.25-44.

Direitos autorais 2016 © Autor, com identificação do direito de primeira publicação da Revista Kalagatos.

Recebido em: agosto de 2016.

44 Aprovado em: novembro de 2016.

